

Arte e Conhecimento na Concepção Trágica da Existência: Poder de Criação da Vontade Nietzscheana

Art and Knowledge in a Tragic Conception of Existence : Nietzschean Will Creation Power

Max de Filippis Resende
doutorando PPGF-UFRJ
bolsista CAPES.

Resumo: Na concepção trágica nietzscheana, o todo fenomênico do mundo se revela como jogo de criação que se realiza através do conhecer humano. Assim, seria tarefa do homem assumir esse poder criador como seu próprio constituinte e como sua tarefa mais alta: a de imprimir formas ao devir.

Palavras-chave: Tragédia; Dionisíaco; Vontade de Poder.

Abstract: In Nietzsche's tragic conception, the whole phenomenal world is revealed as a game of creation that realize itself through the human knowledge. Thus, would be man's task accept this creative power as his own constitutive and as his highest task: to print forms on the be-coming.

Keywords: Tragedy; Dionysian; Will of Power.

Introdução

Procuraremos traçar aqui algumas características da formação do pensamento nietzscheano da “vontade de poder” tendo em vista suas considerações sobre uma concepção *trágica* da vida. Com isso pretendemos uma investigação da relação entre arte e conhecimento que vemos perpassar toda a obra de Nietzsche, entendendo que em tal reflexão está sempre presente uma proposta de um conhecimento que assuma toda sua força criadora na superação da metafísica clássica. Esta toma, na Modernidade, a forma de uma “teoria do conhecimento” que opera uma extrema normatização

categorizadora do mundo e da existência em conceitos do entendimento para a representatividade ou adequação das formas do mundo fenomênico às formas subjetivas da razão. Os objetos nos seriam, assim, re-apresentados em sua verdade na conformação das formas sensíveis às formas do entendimento, sua conceitualização.

Temos, por exemplo, que, diante de todo esquematismo intelectual desta teoria do conhecimento Nietzsche se vê forçado a perguntar se: “não é curioso exigir que um instrumento critique seu próprio acerto e competência? que o intelecto mesmo ‘conheça’ seu valor, sua força e seus limites? isso não foi até mesmo um contra-senso?” (NIETZSCHE, Aurora, Prefácio, §3). Como poderia a filosofia partir sempre desta contradição em suas investigações: o de usar a razão para julgar a si mesma? O que faria com que se admitisse a sua infalibilidade como medida da verdade tendo a si mesma como parâmetro? O que permitiria essa crença em uma intelectualidade pura e única como paradigma e condição de si mesma? Dentro dessa tradição moderna, Nietzsche põe-se a perguntar se não seria a vida algo maior que o intelecto? E, como fenômeno desta, que todo é esse do qual faz parte o pensamento? Como ele e tudo o mais vêm a ser? É mesmo possível destituir o pensamento da sensibilidade? Como “tirá-lo” daquele “todo fenomênico” do mundo e considerá-lo à parte?

Perante as metafísicas que até então apenas explicavam o existente como algo imperfeito e em oposição à retidão da razão e de planos perfeitos a ele sub ou supra existentes, de formas plenas e acabadas, declarará mais tarde: “Fabular sobre um ‘outro’ mundo, que não este, não tem nenhum sentido” (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, ; A ‘Razão’ na Filosofia, §6), sendo um completo contra-senso, também, falar de algo a que não se possui acesso, e ainda mais elegê-lo como parâmetro de “verdade”. Pois, ao se pretender chegar a esses conceitos puros da razão, não se estaria fazendo outra coisa do que idealizar um mundo fora deste ao qual pertence a sensibilidade – um “mundo inteligível”. Está-se valorizando formas que se remetem a um “outro mundo”, um “além-mundo” de formas puras indeterminadas. Nietzsche enxerga essa tendência já na Antiguidade, em Sócrates e em Platão na sua busca pela virtude e guerra declarada à sensibilidade e aos instintos do corpo em favor da pura inteligibilidade e do ideal. Por isso questiona, em toda a tradição filosófica, não só os valores com que se “julga” a realidade sensível, mas o porquê da crença neste ultra-mundo supra-sensível?

Isso por que, primeiro de tudo, as formas da razão e do pensamento são, na sua compreensão, formas com que se avalia a realidade. Os conceitos do entendimento seriam ferramentas de percepção do real que só poderiam traduzir determinados aspectos do jogo fluídico dos fenômenos não deixando de fazer parte deste mesmo jogo. As sentenças do conhecimento, como juízos, sentenciam algo a respeito daquilo de que falam. Como avaliações determinam, então, uma verdade acerca do que tratam. Mas avaliar é também “ter em conta” aquilo que assim se considera, é estimar. É o dar valor ao que se aprecia com certo interesse, dar-lhe o tom de que se necessita de “realidade” para que assim se nos mostre, apareça. Na filosofia não se faria outra coisa do que avaliar a realidade, querer determinar sua verdade enquanto o apreciar da própria existência, a própria vida, em sua tonalidade de aparecimento. Agora, se a avaliamos tendo em vista uma ultra-existência, de uma suposta supra-vida, deixamos de estimá-la positiva ou afirmativamente; negamos e depreciamo-la em favor de ideais em si mesmos inalcançáveis. Inalcançáveis pois nada é em si mesmo, tudo faria parte do fenômeno múltiplo de aparecimento da vida.

Através desta noção de totalidade fenomênica da existência é que vemos se delinear uma concepção *trágica* da vida no pensamento nietzscheano; de co-pertencimento de toda sensibilidade e inteligibilidade, de toda verdade e mentira, de todo bem e mal, e de toda sua indeterminabilidade, fatalismo e necessidade, para a incessante superação das formas da realidade dentro do movimento do tempo, apresentando aí também, então, toda sua precisão, gratuidade e liberdade de manifestação. Desde o seu primeiro livro, “*O Nascimento da Tragédia*” (1871), Nietzsche contrapõe esta noção de totalidade e co-pertencimento de todas as coisas em constante transfiguração, que ele identifica como uma concepção trágico-dionisíaca do mundo, ao próprio instinto e nascimento da filosofia grega, como busca de um purismo de formas ideais. Dentro do desenvolvimento deste pensamento, sua concepção acerca dos “conceitos do conhecimento” será a de que eles não passariam de juízos valorativos que tomados em si mesmos não seriam nem verdadeiros nem falsos. Chegará à formulação de que fariam parte de uma “ótica-de-perspectiva da vida”; e, em última análise, com respeito a uma aspiração de “verdade” do conhecimento, estes juízos seriam uma “mentira necessária” pois, como afirmará: “sem permitir a vigência das ficções lógicas, sem medir a realidade com o mundo puramente inventado do

absoluto, do igual a si mesmo, o homem não poderia viver” (NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, §4). Seria este o reconhecimento de uma condição de “inverdade” da vida e do conhecimento, sua qualidade de fábula, de invencionice; mas assumida como esta ficção realizadora mesma do fenômeno estético da vida; perspectiva interpretativa desdobradora da própria realidade das coisas apresentadas para o homem como totalidade múltiplo-fenomênica do mundo.

Em seus dizeres, e neste mesmo sentido, na tentativa de auto-crítica daquele primeiro livro, “a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético”, dado justamente este fato de que “toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §5). O conhecimento mesmo, re-conhecido como criação, ou ficção criadora, é concebido, então, como transfiguração da vida em multiplicidade de aparências através do homem – geração de perspectiva. Ela, para se realizar enquanto existência e realidade, precisaria vir-a-ser através de si mesma gerando-se como múltiplo aspecto de si. Nunca uma *coisa em si mesma*, teria a necessidade de perfazer-se o tempo todo em perfeição e vem-a-ser apenas ao transfigurar-se como mundo no transbordamento de si para si mesma, no homem, como um outro. Essa totalidade fenomênica se caracterizaria como aparecimento presentificador de realidade, um vir-a-ser de tudo aquilo que é em um acontecimento estético da vida como existência – uma unidade múltipla de todos os entes, ou multiplicidade a cada vez unificada do acontecimento do mundo.

Este fenômeno da vida não obedeceria a nenhuma razão escondida ou verdade fundamentadora de sua realidade, mas seria nada mais do que o próprio dar-se gratuito em totalidade daquilo que é em pura afirmação de si enquanto existência através do homem. Na constatação de um fluídico vir-a-ser do fenômeno do mundo como a apresentação constante da realidade deste como perspectiva, surge desta “fenomenalidade presentificadora de existência” a imagem da vida como o vir-a-ser de aparências e, portanto, a sua realidade como fenômeno estético de essencialização do mundo, seu configurar-se. Sendo o homem a instância na qual todo o processo criador se desenrola, posto que é para ele que o mundo aparece e é o homem quem elabora um conhecimento a partir disso e com ele transforma este processo que vem a ser a partir dele, passa-se a ter uma

compreensão estética do fenômeno da realidade como um todo, de cada processo seu e do próprio homem. Mais importante e decisivo ainda, o homem tornado “ser estético” só pode ter tal definição dado seu “agir estético” no mundo, através do qual exclusivamente viria a ser todo o processo do vir-a-ser das aparências essenciais de constituição da realidade. Por “estético” aqui se entenda o gerar de perspectivas da realidade, o dar-se de percepção contínua do mundo como multiplicidade fenomênica e o contínuo transfigurar-se como configuração compreensiva da experiência de realidade no conhecimento humano.

Nesse sentido é que interpretamos as afirmações acerca de um novo proceder filosófico que Nietzsche proclama: “– *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §2). O conhecimento como arte seria, então, uma “arrumação avaliativa” da realidade do mundo através da qual esta própria realidade assume continuamente sua existência através do homem, por isso também afirmará: “Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valora através de nós *quando* instauramos valores...” (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, Moral como Contra-Natureza, §5). Mas, dessa forma, os valores de tal arrumação não são mais tomados como valores em uma hierarquia de uma verdade absoluta e em si mesma; são graus de intensidade de aparecimento em uma escala de tonalidades, são realces da pintura da realidade a cada vez assumida como a própria existência para sua realização. Este poder presentificador do aparecimento da vida Nietzsche denomina num primeiro momento “força artística da natureza”, “força plástica”, e depois “vontade de poder” – vontade de vir-a-ser da própria vida e já sua realização como este dever de poder de aparecimento através de seu desdobrar-se projetivamente nos valores interpretativos do conhecimento humano. Uma vontade que simplesmente devém, portanto, como seu próprio vir-a-ser; poder já de sua manifestação. É, assim, gratuita, não sendo a vontade de alguém especificamente e nem um desejar. É o poder incondicional de vir-a-ser da própria vida que, vindo-a-ser, condiciona-se, como realidade e existência, configuração estética da totalidade fenomênica.

A realidade, então, como totalidade do existente na relação entre homem e mundo é sempre e a cada vez criada dentro desta relação que possui, dessa forma, a tensão de todas as afetividades

humanas e de todos os impulsos de constituição das entidades do mundo. Isto, portanto, dá-se sempre em processo, um jogo de forças de todo o universo, pois é realidade sendo totalidade do existente não meramente dentro da relação entre homem e mundo, mas “como” esta própria relação. No resultado a cada vez alcançado por tais “jogos” teríamos a cada vez uma “arrumação” do mundo que assim se apresenta, e este não passaria desta aparência a cada vez assumida do jogo, não possuindo nenhuma natureza em si, mas apenas o caráter de ser este jogo fluídico. Portanto não seria possível uma única e unânime racionalidade, sendo ainda impossível qualquer racionalidade pura. Isso, que assim se denomina, seria apenas mais uma “arrumação avaliativa” da realidade, constituída inclusive por elementos considerados antagônicos à sua composição, não passando também de um afeto, um sintoma da expressão estética da existência que se forma através dos valores do olhar do homem – poder de sua realização como mundo.

O que é arrumado pelas pretensas “racionalidades” e se apresenta para o homem como a realidade do mundo – seu aparecer – dá-se justamente como concepção e nascimento a cada vez da vida sob um aspecto tomado no conhecer humano. Por isso, esta é uma atividade artística para Nietzsche, pois é uma pintura e um realce de perspectivas que precisamos tomar sob nossa responsabilidade, pois além de compor aquilo que somos em cada dado momento, descortina horizontes futuros. E, uma das perguntas com que nos deparamos dentro do pensamento nietzschiano é exatamente a de que tipo de relação descortinamos para as nossas vidas? Pergunta que se impõe desde uma condição trágica da existência, respondida justamente através de um poder trágico de manifestação artística da vida no homem. Precisamos, então, neste ponto, buscar esclarecer o que é essa concepção trágico-dionisíaca nietzscheana?

1- Concepção Trágico-Dionisíaca da Existência

Já identificamos como uma compreensão trágica da vida, que vemos emergir do pensamento nietzschiano, o conceber de uma constituição unívoca dos fenômenos do mundo como movimento da manifestação da realidade da vida, de sua vontade e poder que se manifesta como irrompimento de aparências perspectivísticas, que se

traduzem em interpretações essencializadas do mundo, que nelas se essencializa – aparece desde o caos e multiplicidade de si mesmo ao se transfigurar no homem. Assim é que, com este vir-a-ser devindo no homem, procuramos ressaltar, como também aponta Eugen Fink, que em Nietzsche: “o problema do ser é recoberto pelo problema do valor.” (FINK, 1988, p. 15); pois todo ser é valor, ou antes, valorar-se – é interpretação perspectivada desdobrando-se como aparecimento. Como valor de perspectiva é tonalidade de aparência, “gradação e matiz de verdade”; é valor de força do aparecimento da vida a partir do caos e multiplicidade de sua vontade – poder deste aparecimento, aspecto tomado em sua irrupção desde si mesma. Por isso, Nietzsche enxerga na própria vida um valor trágico, um poder trágico de sua realização e aparecimento desde um caos, desde um conflito de vontades. Dessa forma é que também se pode afirmar que:

“No fenômeno do trágico percebe a verdadeira natureza da realidade; o tema estético adquire, a seus olhos, a condição de um princípio ontológico fundamental; a arte, a poesia trágica, torna-se para ele a chave que lhe abre a vida essencial (*Wesen*) do mundo. A arte é erigida em *organon* da filosofia” (FINK, 1988, p. 17).

Nietzsche mesmo caracteriza, em oposição a todo aquele esquematismo da razão, a arte como “a tarefa propriamente dita da vida, a arte como sua atividade *metafísica...*” (NIETZSCHE, A Vontade de Poder, [A ARTE NO “NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”], de 1888, §853) – e nesta o conhecimento seria caracterizado como configuração de um devir, um futuro da humanidade, no homem sempre em superação. Ou seja, a condição trágica do homem é estar lançado em meio a um jogo de impulsos configuradores no qual ele precisa lutar para dar forma ao seu impulso configurador, a vontade que nele devém como poder. Ele se apropria do mundo criativamente moldando formas de sua vivência através de sua própria força plástica, da configuração de impulsos nele da vida. Esse é o seu ocaso, a tragédia da humanidade – o irromper de si mesma como um caos ao mesmo tempo criador e devorador em apropriação criativa de aparências perspectivísticas. O mundo passa a ser apresentado como um outro de si mesmo no homem em perspectivar-se criativo, e não mais como um estranho oposto e proibido, interdito por uma natureza transcendental. O mundo é

agora vir-a-ser do homem como vontade de poder, lugar de todas as possibilidades e o próprio poder plástico a ser explorado como aquele proceder artístico, pois: “é a arte – e não a moral – apresentada como a atividade propriamente metafísica do homem” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §5). “Bem e mal”, “certo e errado”, são valorações secundárias ao próprio valor de irrupção de sua configuração, são já um não tomar a vida como um todo e desconsiderá-la em sua tragicidade.

A arte é meio do aparecimento da própria vida, exercício de seu poder realizador. Por isso aquela afirmação de uma necessidade de se ver a arte com a óptica da vida. A arte é pensada por Nietzsche sempre como arte trágica, expressão primordial da vontade de poder da vida, sua força plástica que advém no fazer artístico do homem, percebida apenas nos estados denominados como dionisíacos quando: “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguês.” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1). Este “uno” é aqui a vida, o âmago da natureza e o próprio vir-a-ser de sua força de essencialização estética, “força artística” da própria natureza – seu ser é já o que o uno é, é ser em devir que já se realiza como tal, é um vir-a-ser o que ele já é, natureza. Isso será denominado mais tarde vontade de poder. É este impulso que se realiza na vida, no querer do homem. Em toda sua realização devém realidade, como ficção, criação, pintura, esculpir-se e perspectivar-se da vida para o próprio homem, no homem mesmo, ao gerar-se em seu agir. Essa posição de artista e obra de arte é condição trágica da existência do homem, e nos revela o fundo trágico da transfiguração da realidade como existência artística plasmadora de formas de seu próprio aparecimento.

O mundo como devir do configurar-se do ente em sua multiplicidade, como pintura de aparências, não apresenta repouso destas forças nem transcendência como concebida pela metafísica, dada a configuração da própria força, que além de tudo é em tensão de forças. A força artística é impulso de um uno primordial, seu próprio ser que é em tensão criadora de si mesmo como natureza, vontade. Devindo, o existente se vislumbra como aparência em contínuo vir-a-ser, um apropriar-se, corporificar-se, retornar por sobre si mesmo e projetar-se plasticamente em percepções estéticas no homem. Dessa forma é que a vida, como criação, é ação apropriadora de seu próprio existir como aparência, é o próprio ser, que é vir-a-ser do ente que ele

mesmo é – “O mundo como uma obra de arte que gera a si mesma – –” (NIETZSCHE, A Vontade de Poder, §796). Geradora de perspectivas a arte é a geradora do conhecimento e expressão maior da manifestação da vida.

A relação de tensão do conhecimento entre homem e mundo, como uma disposição de criação artística da realidade, está lançada em meio aos impulsos de constituição da própria vida, os impulsos nos quais ela mesma se desdobra no homem. Estes impulsos descritos a partir de seu irrompimento artístico mais originário são identificados por Nietzsche aos deuses da tragédia grega, Apolo e Dioniso:

Apolíneo, dionisíaco. – Há dois estados nos quais a arte, ela mesma, irrompe no homem como um poder da natureza, impondo-se, queira ele ou não: de um lado, como coação para a visão; de outro lado, como coação para o orgiástico. Ambos os estados também estão presentes na vida normal, apesar de mais atenuados, no sonho e na embriaguês – – – Mas a mesma oposição ainda subsiste entre sonho e embriaguês: ambos desencadeiam em nós poderes artísticos, mas são diferentes: o sonho é o poder do ver, do combinar, do poetar; a embriaguês é o poder do gesto, da paixão, do canto, da dança. (NIETZSCHE, A Vontade de Poder, [A VONTADE DE PODER COMO ARTE], §798).

A existência se configura na concepção trágica nietzscheana como um abismo – um “sem fundo” gerador de perspectivas na luta e combinação das forças divinas de configuração artística da realidade entre sonho e embriaguês. Essa contraposição primordial da natureza entre o apolíneo e o dionisíaco é a condição trágica da configuração da relação entre homem e mundo, entre o ver e o sentido, entre a forma e o devir, entre o movimento e a configuração de força – que são um em sua multiplicidade.

A respeito dessa sua concepção, Nietzsche se declara, exatamente, como entusiasta dionisíaco comentando: “Nesse sentido, tenho o direito de entender-me como o primeiro filósofo trágico – isto é, o extremo oposto e o antípoda de um filósofo pessimista. Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um páthos filosófico (...)” (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, O Nascimento da Tragédia, §3). O trágico caracteriza-se, para Nietzsche, como este *pathos*, afecção perspectivística e atitude criadora perante o abismo do caos da

existência - o *pathos* trágico da vontade de poder é sua constituição perspectivística como vida, enquanto afecção projetiva plasmadora do mundo. Não é a atitude metafísica otimista e crente em formas lógicas com as quais apenas se desvia o olhar do fundo caótico da multiplicidade fenomênica para fixá-la entre as oposições categoriais. Nem a atitude romântica pessimista que diante da impossibilidade da conceitualização lógica denigre a vida na lamentação nostálgica de um paraíso inalcançável recusando-se a toda configuração do existente. Esta recusa filosófica só caracterizaria sua fraqueza, seu não suportar a tragicidade da vida e a própria força criadora desta – a sua manifestação patológica de uma multiplicidade de afetos, sentidos possíveis do mundo. Mais ainda, ao refugiar-se no otimismo ou pessimismo idealistas, o homem assim recusaria seu próprio poder criador. Recusar este poder seria recusar aquilo mesmo que o homem é: um *pathos* da criação, vir-a-ser de multiplicidade de afetos da criação da vida através de si mesma.

No filósofo trágico este vir-a-ser devém, então, como a própria concepção artística de um conhecimento perspectivístico; um *pathos* poético-criativo do ente na totalidade, seu caráter de ser como palavra criadora que desdobra a vida em perspectivas de seu sentido de aparecimento, poder de sua vontade – “todo o ser quer tornar-se, aqui, palavra, todo o devir quer que eu lhe ensine a falar.” (NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra, Terceira Parte, O Regresso). Assim, o filósofo trágico se vislumbra como oráculo deste poder configurador, pois, como aquele ser que avalia, através dele é que a vida se desenha, pinta, toma forma e sentido e arruma, esculpe, assim, o mundo e sua própria realidade. Todo pensamento é encarado dessa forma como criação e advento do “ser-ente”, configuração do devir em suas determinações próprias, como estado afetivo ou de tonalidade da própria existência do “homem-mundo”. O homem ao determinar, portanto, o que seja a realidade, ou seu caráter de existência, na verdade a configura em um proceder avaliativo modelador da própria vida que nele se cria em multiplicidade de desenvolvimento dos fenômenos. Como este mesmo processo se revela como a existência própria do homem, sua vida também se revela como processo de vir-a-ser do mundo que sempre se cria através dele, no jogo de conhecimento dele, em sua pintura da realidade, na tonalidade de sua paixão pelo existente, o seu desdobrar o caráter de ser da vida, este “ser inominado” e “abissal”, que se configura desde o próprio caos, irrompendo de um “sem fundo”. Mas que, neste processo, vem-

sempre-de-novo-a-ser em múltiplas aparições e múltiplos nomes, formas, de sua realização como mundo “– o teu grande decifrador, ó minha alma, o ser inominado – para o qual somente os cantos futuros encontrarão um nome! E, em verdade, já a cantos futuros recende o teu respiro –” (NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra, Terceira Parte, Do grande anseio) – e sempre recenderá, pois sempre retornará.

O conhecimento como arte e vontade de poder é também fluxo incessante de impulsos e forças configuradoras de aparência – a própria realidade que devém, incessantemente configurando-se. Todo seu processo é concebido, então, como “dimensionalização” de existência, criação de mundos – e mundo como processo criativo. O filósofo é aqui legislador, e a filosofia arte deste moldar as aparências da realidade – “Seu conhecer é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – vontade de poder.” (NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, §211) – modo do ser artístico do homem que dispõe em sua realização o domínio de seu poder na modulação da força criativa da vida. A existência é encarada, então, como a possibilidade sempre presente de se tomar, inventar e dar novo sentido para tudo através das “palavras criadoras” dos saberes do mundo, visto que a vida não pode deixar de querer, e, assim, propõe-se em valores, faz-se em palavras através dos homens, tomando “forma e sentido”. O jogo do conhecer e criar do artista-filósofo-legislador é justamente este, o de comunicar ao mundo e às coisas seu avaliar de todo o existente, imprimindo-lhe caráter de ser, desdobrando-lhe perspectiva de aparecimento enquanto perspectivar do próprio vir-a-ser de vontade.

2- A Arte como Superação da Metafísica

Tendo, pois, o mundo como aquela “obra de arte que gera a si mesma”, enquanto aquele movimento criador de vontade de poder, é justamente na arte que Nietzsche situará a sua filosofia – na criação de perspectiva. A isto se dirige não só em seus primeiros escritos, de uma “metafísica de artista”, mas também fala deste limite do conhecimento onde é revelada sua natureza criadora em outras passagens. Esta só seria alcançada em um estado artístico no qual aqueles que o experimentam:

“(…) sabem muito bem que justamente quando nada mais realizaram de ‘arbitrário’, e sim tudo necessário, atinge o apogeu sua sensação da liberdade, sutileza e pleno poder, de colocar, dispor

e modelar criativamente – em suma, que só então necessidade e ‘livre arbítrio’ se tornam unidos neles.” (NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, §213).

É aí, neste estado, que se pode perceber aquela unidade de todas as coisas e seu co-pertencimento, pode-se experimentar e perspectivar que “No homem estão unidos *criador* e *criatura*: no homem há matéria, fragmento, abundância, lodo, argila, absurdo, caos; mas no homem há também criador, escultor, dureza de martelo, deus-espectador e sétimo dia (...)” (NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, §225). Estado este percebido unicamente pelo artista, e que não é mais um “estado”, é um ser-em-devir de uma vontade múltipla de poder e realização de tudo, unificada a cada instante neste vir-a-ser. Este poder configurador se mostra na figura daquele que cria e, portanto, sabe da unidade de tudo, de toda liberdade e necessidade, de todo prazer e dor, de todo bem e mal, de toda forma e sentido, de toda aparência e música. É a unidade de toda essência e aparência no aparecimento essente do mundo desde si mesmo através do homem que, como artista, a-presenta, expõe sua obra – realiza através de si o poder de presentificação do mundo. Este assim devém incessantemente para sua própria superação e transformação – não possui outra finalidade a não ser a de realizar seu poder. Esta presentificação se justifica então por si mesma, pois ao não possuir outra finalidade, não possui finalidade alguma:

Se o mundo pudesse enrijecer, secar, morrer, tornar-se nada, ou se pudesse alcançar um estado de equilíbrio, ou se tivesse em geral algum alvo que encerra-se em si a duração, a inalterabilidade, o de uma vez por todas (em suma, dito metafisicamente: se o vir-a-ser pudesse desembocar no ser ou no nada), esse estado teria de estar alcançado. Mas não está alcançado: de onde se segue...(NIETZSCHE, A Vontade de Poder, §1066).

Segue-se que o mundo como vontade de poder, não possuindo um ser-em-si, é totalidade do existente em vir-a-ser – sendo assim ainda impossível um “nada”. “Ser” ou “nada” seriam valores categoriais de oposição da avaliação da pintura lógico-metafísica em sua perspectiva interpretativa da realidade através dos parâmetros daquele purismo racional idealista. Nesta interpretação do mundo Nietzsche vê desdobrar-se apenas um *pathos* do ressentimento que

não tolera o fluxo da existência e quer fixar-lhe formas definitivas de uma verdade última das coisas – um “Bem Absoluto” que nos privasse de todo o mal, o imprevisível, a dor e o sofrimento da mutação das formas fenomênicas. Não percebe que esta verdade é já um querer que, como vontade de poder, em sua visão devém, e que se um dia uma forma estável dessas fosse atingida, o mundo e a existência simplesmente não viriam mais a ser. E aí sim se chegaria a um nada, mas a ser mais algum. Mas, tem-se que: “imprimir no devir o caráter de ser – essa é a mais elevada vontade de poder.” (NIETZSCHE, A Vontade de Poder, §617) – o tomar forma e o configurar-se de tudo é o advir desta vontade desde si mesma como mundo, elevando-se como sublime realização enquanto obra de arte, vida que brota de si mesma incessantemente. Nietzsche, além de decretar, assim, o vazio de tal palavra – o ser metafísico – também questiona o valor atribuído a este “vapor” (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, A “razão” na Filosofia, §4) pela filosofia, exigindo a superação de tal modo de pensamento através do poder criador do conhecimento como vir-a-ser em totalidade do mundo – “recender” como impulso e veículo da vida a novas formas, a novos sentidos, a novos respiros.

Esse é o transpor da concepção dionisíaca e visão trágica do mundo a um *pathos* filosófico. Torná-lo também um *pathos* da celebração da criação da vida ao fazê-lo reconhecer-se mesmo como *pathos* artístico e não mais o da mágoa e padecimento do ressentimento idealista.

Só no artista trágico é que encontraríamos, então, aquele que possui o conhecimento enquanto vir-a-ser em co-pertinência das coisas e que saberia da necessidade também de todo sofrimento na existência; quem acolheria-o como parte da vida, para transformá-lo em grandeza, profundidade e beleza, e, assim, em júbilo, alegria e contentamento através da arte –

Uma pergunta ressurgiu: a arte faz com que se manifeste também algo feio, duro, discutível da vida - ela não parece com isto dirimir a paixão pela vida? (...) Mas isto - já dei a entender - é uma ótica de pessimista e um "mau-olhado": precisa-se apelar para os próprios artistas. O que é que o artista trágico comunica de si? Não é exatamente um estado sem temor frente ao temível e problemático, que ele indica? - Esse estado mesmo é algo desejável; quem o conhece o louva com os louvores mais elevados. Ele o comunica, ele *precisa*

comunicá-lo, pressuposto que é um artista, um gênio da comunicação. A valentia e a liberdade do sentimento frente a um inimigo poderoso, frente a uma sublime adversidade, frente a um problema que desperta horror - esse estado *triumfal* é aquele que o artista seleciona, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de belicoso em nossa alma festeja suas Saturnais; quem procura por sofrimento, o homem *heróico*, exalta com a tragédia sua existência - a ele apenas, o artista trágico oferta o cálice desta dulcíssima crueldade. – (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de um Extemporâneo, §24).

Esse artista trágico unifica em si os impulsos múltiplos da natureza. Nisso atinge, ou antes, percebe, e comunica seu estado de unidade com o uno-primordial, estado de unidade dos impulsos artísticos da vida, de toda contradição da existência e do entendimento; estado de configuração do aparecimento de realidade desde toda multiplicidade fenomênica. Diante deste caos o que ele comunica de si é sua coragem, é seu amor por viver mesmo nesse turbilhão do vir-a-ser. É esse impulso vital, então, que vem a “recender” através dele, “que com ele aprende a falar” nomeando-se, aparecendo, configurando-se. Assim, também não é qualquer arte que toca neste fundo móvel da unidade do vir-a-ser da vida, mas, é a tragédia que denominando e identificando-o ao deus Dioniso que traz à tona este próprio movimento que se constitui também como aparecimento – sentido que é forma, vontade que é poder, música que é aparente:

A psicologia do orgiasmo enquanto uma psicologia de um sentimento de vida e de força transbordante, no interior do qual mesmo o sofrimento atua enquanto um estimulante, me deu a chave para o conceito do sentimento *trágico*, que foi incompreendido tanto por Aristóteles quanto pelos nossos pessimistas em particular. (...) O dizer-sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida, tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade em meio ao *sacrifício* de seus tipos mais elevados - isto chamei de dionisíaco, isto decifrei enquanto a ponte para a psicologia do poeta *trágico*. *E com isto toquei novamente o ponto, do qual outrora parti - "O Nascimento da Tragédia" foi minha primeira transvaloração de todos os valores: com isto me coloco uma vez mais de volta ao solo, a partir do*

qual meu querer, meu poder cresce - eu, o último discípulo do filósofo Dioniso - eu, o mestre do eterno retorno...(NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, O que Devo aos Antigos, §5).

“*O Nascimento da Tragédia*” teria sido sua primeira transposição da abordagem filosófica para fora de um âmbito de contraposição de valores tomados como parâmetros absolutos em si mesmos para o âmbito de sua gênese e possibilidade como tonalidades afetivas co-pertencentes e complementares de ajuste e desajuste da experiência da vida. Divergentes que convergem em concordância e discordância na realização de sua unidade múltipla de afetos configuradores das tonalidades de manifestação da vida. Essa genealogia dos valores morais passará a traçar não só a caracterização antropológica desses valores, mas abordará sua origem enquanto tal movimento perspectivístico – o valorar de tais gradações enquanto vir-a-ser e configurar-se artístico da vida. Essa força essente presentificando-se como existência é para o que nos apontaria a tragédia grega, essa manifestação artística tocaria o solo limite das manifestações da cultura humana e dos próprios impulsos de constituição da vida, evidenciando naquelas o configurar-se destes – seu “crescer em querer”, seu poder de fazer-se inclusive agora, em Nietzsche, como perspectivar-se filosófico.

3- Considerações Finais: O Re-Nascimento da Tragédia em um *Pathos* Filosófico

Nietzsche mesmo afirma, como vimos, que ele é o primeiro a fazer essa transvaloração da filosofia para um terreno trágico, para uma concepção dionisíaca das manifestações da vida – ou seja, enquanto impulsos artísticos de configuração da existência. Essa nova consideração da tragédia pode ser encarada não só como uma nova tese da origem desta arte no espírito da música e nos cultos ao deus Dionísio, mas como uma retomada, um re-nascimento da tragédia agora em solo filosófico – uma reconsideração do dionisíaco como princípio e poder de constituição dos entes. Por isso, este seria também um poder artístico, um poder da plasticidade de configuração da existência desde um jogo de sentidos. O principal não será apenas a forma, como o é para a lógica, mas o vir-a-ser, o devir de formas – a totalidade de experimentação da multiplicidade fenomênica da vida – mundo como sentido estético de apresentação, duração de sentimento em transformação. Por isso os problemas lógicos, os problemas

científicos e metafísicos não são mais tomados em sua mera apresentação formal, como se não fizessem parte de um todo móvel e fenomênico. É preciso agora somar à ciência a apreciação estética, a determinação da origem de sentimento, de sua experimentação como manifestar-se da própria percepção como sintoma de um vir-a-ser criativo de existência. Nas palavras do próprio Nietzsche:

(...) um novo problema: hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável. (...) Edificado a partir de puras vivências próprias prematuras e demasiado verdes, que afloravam todas à soleira do comunicável, colocado sobre o terreno da arte – pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência (...) este livro temerário ousou pela primeira vez aproximar-se – ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida... (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §2).

A razão não pode julgar a si mesma e sua conceitualização não pode perceber a si mesma enquanto for puro logicismo formal – nesse tipo de análise metafísica toma-se apenas o já dado, a forma e a concepção das coisas que já se constituiu e da qual não se desconfia, toma-se como coisa em si mesma pronta e acabada, a forma como coisa definitiva e não desde seu formar-se. Falta-lhe o sentimento do vir-a-ser das formas, uma “sintomatologia”, uma *phatologia trágica*. Há algo do fazer-se não só da linguagem, mas de toda expressão humana, que se auto-determina como configuração própria de um devir, um acontecimento essencializador da própria existência na sucessão das formas no tempo. Esse “fazer-se configurador” é criação da própria vida, e o “fazer-se” de vida no homem devém em seu existir que se caracteriza como um apropriar-se das formas da existência em seu devir, um apropriar-se criativo do movimento de criação vital. Esta corporificação da vida é criação que cria o homem; no homem este criar apropriativo é arte, invencionar que gera perspectivas da vida. Neste apropriar-se compreende, interpreta, arruma, avalia, estima, dá forma e expõe, joga com as configurações de aparência. Essas configurações do ver são já um “ver configurador” de um processo inventivo e compreensivo do mundo que o cerca. É um “ver” que é também todos os sentidos, totalidade de percepção e

sentimentos de compreensão e interpretação. Aí ele ordena e inventa o próprio mundo como realidade, invenção que já possui uma compreensão e um saber próprio, um sentimento de seu ser desde o ter vindo a existir, seu devir como interpretação, aquela ficção lógica que mede o mundo. Nesse seu experimentar criativo devém nele a própria vida como obra de arte que gera a si mesma, e, se a ciência é no fundo arte criativa do ser do homem em devir, a arte é o vir-a-ser de existência.

Assim é que Nietzsche reconhece:

apenas um sentido de artista e um retro-sentido [*Hintersinn*] de artista por trás de todo acontecer – um ‘deus’, se assim se deseja, mas decerto só um deus artista completamente inconsiderado e amoral, que no construir como no destruir, no bom como no ruim, quer aperceber-se de seu idêntico prazer e autocracia, que, criando mundos, se desembaraça da necessidade [*Nor*] da abundância e superabundância, do sofrimento das contraposições nele apinhadas. O mundo, em cada instante a alcançada redenção de deus, o mundo como a eternamente cambiante, eternamente nova visão do ser mais sofredor, mais antitético, mais contraditório, que só na aparência [*Schein*] sabe redimir-se (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §5).

Esse poder plástico que é a própria vida é totalidade multifenômica das formas do mundo que se contradizem, conflituam-se nesse devir, alternam-se em contínua contraposição. Mas esse conflito e guerra dos impulsos configuradores é o devir da própria totalidade que dessa maneira se configura continuamente como mundo. Esse aparecimento é sua força e seu poder, a autocracia do princípio uno de configuração do mundo desde uma multiformidade de impulsos. Essa configuração continuamente se arrumaria a cada nova confluência deles, quando também se desfaz para novo devir em construção e desconstrução – pois se uma não acontece não vem a ser a outra. Mas as duas acontecem eternamente como devir contínuo de aparecimento. Aparecimento é sempre aparecimento para alguém, aparecer para aquele “ver de sentimento compreensivo configurador” do homem. Mas nesse caso, então, é aparecer de vida configurando-se no homem, em seu “ver” – através dele como processo de existência que se configura em formas

compreensivas de seu devir não só como aspecto tomado, mas como sentimento interpretativo e desdobrador dessas perspectivas como saber e ciência – arte.

A tragédia seria a expressão artística da percepção dos gregos desse fenômeno originário da vida, e nela lhe dariam continuidade também ao criar. O modo de compreensão é também o modo que a vida toma a partir daí no devir como valor que se perspectiva. Diante disso, Nietzsche põe-se através deles também a descrever, perspectivar o fundo caótico configurador da realidade. O “nascimento da tragédia” é, em Nietzsche, re-nascimento de uma compreensão dionisíaca dos mistérios constituintes da vida – é novo respiro do “ser inominado”.

Como ele nos aponta, todos os impulsos contraditórios da natureza manifestado-se e se configurando na expressão humana seriam compreendidos dentro da tragédia pela dualidade complementar dos poderes dos deuses Apolo e Dionísio. Essa duplicidade da arte entre seus aspectos do apolíneo e do dionisíaco situa-nos entre as manifestações do sonho e da embriaguês, construção e desconstrução, conjunção e separação avaliativas do olhar na constituição de realidade – “a arte do figurador plástico [*Bildne*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio:”. Naquilo que caracterizamos antes na multiplicidade da vontade de poder podemos denominar essas duas formas como: a do ser e a do vir-a-ser, sendo que o ser é forma já do próprio vir-a-ser, que vem a ser o que é em seu devir como vontade de poder. Lembrando que: imprimir o ser no devir é a mais alta vontade de poder – a maior manifestação do aparecimento da vida é seu constituir-se em “forma no devir”, um “ser em sentido”, desdobrador e perspectivístico de realidade na atividade criadora humana. Isso se daria na tragédia de forma que “ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas (...)”. De repente, porém, teriam aparecido juntos no solo da “vontade grega”, no “ver” de seu poder plástico criador, e justamente – “nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática.” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1).

O apolíneo grego diria respeito à figuração de aparências. Essa “necessidade da experiência onírica foi do mesmo modo expressa pelos gregos em Apolo” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1) – uma necessidade plasmadora que é já o modelar-se de

formas do mundo, ou antes, necessidade luminosa do irromper de brilho e aparecimento, da difusão cintilante de expressão da claridade em seu vir-a-ser desde um não-ser, de seu próprio avesso. Assim, Apolo: “deus dos poderes configuradores” e “deus divinatório” (da adivinhação – do advir, do des-cobrir o que está oculto), este deus desvelador, é “o resplendente”, revelador das belas aparências, divindade da luz. Apolo reinaria também no mundo interior da fantasia e do sonho como tranqüilo deus plasmador com “aquela limitação mensurada, aquela liberdade em face das emoções mais selvagens” – com olho solar e absoluto separa-se completamente das formas que molda dando-lhe inclusive a ilusão da existência independente, como se fossem coisas-em-si-mesmas. Por isso: “poder-se-ia inclusive caracterizar Apolo com a esplêndida imagem divina do *principium individuationis*, a partir de cujos gestos e olhares nos falam todo o prazer e toda a sabedoria da ‘aparência’, juntamente com a sua beleza.” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1). Em meio a um vir-a-ser de aparências Apolo se manteria sóbrio, atrelado ao saber e à verdade deste acontecimento de realidade. Seria ele patrono de um princípio, então, que estabeleceria o limite entre as coisas, da individualidade entre as próprias aparências. Esse seria um princípio que nos permitiria distinguir as coisas com clareza, separar as aparências falsas das verdadeiras à luz de um tal conhecimento erigido neste princípio racional ordenador.

Mas, o terror e/ou prazer da ruptura desse princípio de razão nos traria um “delicioso êxtase”, havendo a associação de um prazer que “ascende do fundo mais íntimo do homem, sim, da natureza,” e no qual “ser-nos-á dado lançar um olhar à essência do *dionísíaco*” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1). Seria o que nos acontece na embriaguês, ou em toda ação e processo de configuração e movimento, onde há o esquecimento dos limites da aparência para um realizar-se, uma nova ordenação e avaliação de formas. Há mesmo uma tendência no homem, um impulso instintivo também que o leva:

Seja por influência da beberagem narcótica, da qual todos os povos e homens primitivos falam em seus hinos, ou com a poderosa aproximação da primavera a impregnar toda a natureza de alegria, despertam aqueles transportes dionísíacos, por cuja intensificação o subjetivo se esvanece em completo

auto-esquecimento. (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1).

O princípio de razão não é absoluto (assim como sua forma aqui associada da individualidade do sujeito), ele mesmo se faz medida desde uma desmedida. É razão desde “desrazão”, lembrança desde esquecimento, percepção desde obnubilação, verdade desde mentira. Na confluência de um princípio de arrumação e outro de desarrumação, construção e destruição do mundo em seu perspectivar-se criador, faz-se a realidade e faz-se também o homem. Este, situado neste meio do caminho, assim como realidade, oscila também segundo a maré apolíneo-dionisíaca configuradora de sua existência. Nesse jogo de forças e impulsos, todo limite é “ilusão de ótica”. A aparência individual, seja das coisas, seja da individualidade de um “eu”, é configuração temporária de uma perspectiva. Toda perspectiva faz parte já de uma avaliação compreensiva maior que é perspectiva de mundo e que se faz e se essencializa como multiplicidade perspectivística de entes na interpretação do que seja realidade. Ou seja, é confluência múltipla de impulsos e forças corporificadoras que contém, encerra transitoriamente em si, todo existente contraditório apresentando-o como mundo e realidade – compreensão que é já concepção de um vir-a-ser do ente na totalidade.

Mas este encerrar em si é também se constituir daquilo que assim nele é. Nenhum estado, princípio ou impulso é absoluto, mas também não é só desde o seu oposto. É constituído e constituinte dele – co-pertencem-se. Não só cada ente ou impulso existe desde e em co-pertencimento dos demais. Totalidade do ente é multiplicidade fenomênica devindo como mundo na unidade de perspectiva de seu vir-a-ser também desde um sem forma. É configurar-se de vontade como poder que se essencializa tomando aspecto ao dar-se sentido no devir de seu ser unificando-se a cada vez como aparecimento total dos entes. Co-pertencimento de forma e sentido é desde o co-pertencimento de unidade e multiplicidade que devém como confluência configuradora de aparecimento de ser em vir-a-ser, devir de perspectiva no homem desde um sem sentido possibilitador de todo sentido. O des-velamento dessa totalidade disforme-multiforme como processo auto-gerador no conhecer do homem como este próprio perspectivar seria também re-velação, onde a “verdade” lógico-metafísica seria apresentada como “verdade-mentira”, desvelamento e revelação de sentido trágico criador.

Por isso, o estado dionisíaco chama a atenção de Nietzsche em sua análise, e, através dele quer não só combater a extrema valorização da razão na filosofia, mas chamar atenção para este co-pertencimento destes aspectos que são valores desdobradores de sentido. Diz ele que neste estado dionisíaco, se não se refreia a força da imaginação acontece que:

(...) agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a ‘moda impudente’ estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. (...) O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1).

É sob a dissolução que há a resolução dos mistérios da solução, como o movimento melódico de uma dissonância para uma consonância. Quem nos revelaria a unidade de toda a multiformidade da vida não seria um princípio de razão, mas justamente o seu oposto. Não seria a forma, mas o sentido; não o signo, mas a música. A razão por si só nos cegaria a esta constituição secreta da totalidade dos entes – luz demais ofusca. Mais ainda, não seria fazendo ciência que se chegaria a esta re-velação (que é “verdade-mentira”), mas através de um estado artístico é que se des-velaria o eterno fazer-se e desfazer-se dos entes como aparências perspectivísticas de sentidos, através do transe criativo da realização da própria vida. Isto não quer dizer loucura e bebedice tola, mas sim estado de sensibilidade artística de apreciação, de avaliação e percepção do fazer-se de todas as coisas e o colocar-se também neste movimento de criação.

A isso conduzia a tragédia grega todos os seus espectadores, pois nela eles não seriam meros espectadores passivos. Na tragédia todos seriam conclamados às re-velações, não mais da luz, mas do transe dionisíaco. Um crepúsculo, estado mais pro lusco-fusco,

um transe que seria assistido pela força grega luminosa-apolínea que agora auxiliaria ao princípio dionisíaco a dar forma às suas expressões artísticas, as manifestações mais íntimas da natureza e uno primordiais, do vir-a-ser da vida:

(...) na tragédia grega – enquanto artista ao mesmo tempo onírico e extático: a seu respeito devemos imaginar mais ou menos como ele, na embriaguês dionisíaca e na auto-alienação mística, prostrana-se, solitário e à parte dos coros entusiastas, e como então, por meio do influxo apolíneo do sonho, se lhe revela o seu próprio estado, isto é, a sua unidade com o fundo mais íntimo do mundo *em uma imagem similiforme de sonho*.”(NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §2)

Aqui se faria a re-velação de que a forma apolínea não é pura forma em si mesma, toda forma é o vir-a-ser de um sentido configurador desde o dionisíaco, é irrupção deste próprio fundo de forças caóticas nas formas apolíneas, evidenciando-se como processo unificador transitório. A imagem máxima desse impulso de constituição da realidade dos entes, o espectador da tragédia teria ao, no transe dionisíaco, vislumbrar sua unidade com todas as coisas num des-velamento. Mas, ao tentar se formar uma imagem dessa totalidade se lhe figuraria algo impossível de se abarcar, assim como a origem dessa totalidade da forma aparente, o abismo sem fundo do qual emanariam todas as formas. O que acontece quando se tenta formar uma imagem, ou até mesmo pensar, o fundo sem forma de todas as formas? Gera-se nova forma. Portanto, pode-se até dizer que se forma uma imagem simbólica, mas ela é um símile, aparência de sonho; imagem onírica re-velada que não pode nunca coincidir com nada ou com aquilo que ela quer simbolizar, pois ele não apresenta forma, é toda forma possível desde ele mesmo. E, ao perceber-se através do homem, perspectiva-se em novas aparências de si ao transportar-se na transitoriedade de seus aspectos em vir-a-ser, no musicalizar-se, passar de totalidade de sentido.

Só nessa percepção do *tragos* grego, sua incursão por um *pathos* dionisíaco, a natureza teria alcançado o prazer de uma realização artística no rompimento dos limites morais de valoração – nas tragédias e orgias dionisíacas gregas, “Só com elas alcança a natureza o júbilo artístico, só com elas torna-se o rompimento do *principium individuationis* um fenômeno artístico.” (NIETZSCHE, O

Nascimento da Tragédia, §2). Em outros povos, essa força dionisíaca, teria destruído e mitigado toda sua vontade e suas constituições humanas, tornando-os em verdadeiras bestas sem criação, caindo em vício e depravação e niilismo moral, e, o pior de tudo, no niilismo estético – a recusa à criação afirmativa da vida. O grego não, o grego parece assumir para si o ser desta queda em um caos da vontade e tornar este impulso criador. Eles enxergariam todo o sem fundo e sem sentido da vida, mas lhe recusariam o niilismo. Com este mais pesado dos pesos assumiriam a tarefa de animar a vida para que esta assim os inspirasse, recendendo a cantos futuros. O sopro então eles lhe dariam, na recompensa e gratidão a Dionísio de dar-lhes a divina missão de ser a própria vida em criação –

No ditirambo dionisíaco o homem é incitado à máxima intensificação de todas as suas capacidades simbólicas; algo jamais experimentado empenha-se em exteriorizar-se, a destruição do véu de Maia, o ser uno enquanto gênio da espécie, sim, da natureza. (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §2).

Na tragédia, então, ao vislumbrar o abismo do caos da existência, os gregos teriam ali a coragem do amor à vida de nomeá-la, e sob o nome de Dionísio deram-lhe também formas de seu vir-a-ser. Com isso exaltavam a realização deste impulso vital através deles. Um impulso que é cruel e temeroso, desfigurador. Mas que ao mesmo tempo é atribuidor de vitalidade, ânimo, vontade em seu poder acolhedor; é perspectivar-se configurador projetivo de existência. O entusiasta dionisíaco sente-se um com a natureza e lhe serve como veículo para que se manifeste nas formas da expressão humana. A essência configuradora da natureza exerce através deles todo seu poder unificador de um vir-a-ser de aparências. Do transe e embriaguês dionisíacos emerge toda força criativa da confluência dos impulsos primitivos transformados em arte e exaltação da existência, força não só de criação, mas de projeção de todo futuro da humanidade.

Referências Bibliográficas

FINK, Eugen. A Filosofia de Nietzsche – Lisboa : Editorial Presença, Lda., 1988.

NIETZSCHE, F. W.. O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o martelo. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

_____. Ecce Homo: como tornar-se o que se é. São Paulo: Max Limonade, 1980.

_____. A Vontade de Poder. Rio de Janeiro : Contraponto, 2008

SOUZA, J. C. de (org.). Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.

